

PARA NEGROS, POR UM NEGRO: OS TRAJES DO ESPETÁCULO ARUANDA CRIADOS POR TOMÁS SANTA ROSA

Borges, Maria Eduarda Andreazzi; Doutoranda; Universidade de São Paulo, mariaeduardapesquisa@gmail.com¹
Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@uol.com.br²

A pesquisa aqui apresentada é uma breve análise sobre os trajes de cena criados pelo cenógrafo, figurinista e artista plástico negro Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956), para o espetáculo Aruanda (1948), encenado pelo TEN (Teatro Experimental do Negro), onde há influência dos trajes de ritos afro-brasileiros.

A peça teatral Aruanda foi escrita pelo folclorista Joaquim Ribeiro em 1946, especialmente para ser encenada pelo TEN. Nela se misturava canto, poesia e dança para retratar uma história entre humanos e divindades. Na obra, a personagem Rosa Mulata (Renê Ferreira) é casada com Quelé (Abdias do Nascimento), que é fascinado pelo candomblé, mas a esposa – quando pensa friamente – não tem a mesma fé que ele. No entanto em uma noite que está desconsolada com o casamento, ela se lembra de uma música que aprendeu com Tia Zefa (Ruth de Souza) que com a letra e toadas certas, evoca o espírito Gangazuma, que incorpora no corpo de seu marido e então a deseja novamente. E assim a trama se desenrola (Nascimento, 1966).

Para as visualidades da cena, Tomás Santa Rosa, criou painéis pintados com palmeiras não realistas para compor o fundo do palco e no primeiro plano temos um portal/ porta, uma mesa com banco e uma cama. Há também atabaques que faziam o som do espetáculo ao vivo aparecendo em cena.

Já para os trajes, principalmente os femininos do coro e da personagem Tia Zefa, observamos o uso do traje de baiana – composto por bata, saia rodada e algumas com turbante, sendo as peças em sua maioria de cor clara (ou quase branco) – semelhante aos que são usados em casas de candomblé e umbanda e sendo complementado pelo uso do Pano da Costa na atriz Ruth de Souza.

¹ Doutoranda e Mestre em Artes pela ECA-USP. Especialista em Moda Criação pela Faculdade Santa Marcelina - FASM (2012). É integrante do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia e do Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas. Foi uma das organizadoras dos livros *Dos bastidores eu vejo o mundo* (volumes 8 e 9) e *Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano - 43 anos de boas histórias*.

² É professor de cenografia e indumentária no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. É autor, entre outros, dos seguintes livros: *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion; O Traje de cena como documento; Dos cadernos de Sophia Jobim. Desenhos de história da moda e de indumentária e O figurino teatral e as renovações do século XX*.

Em contraposição aos trajes acima citados, a protagonista Rosa Mulata, que é descrita no texto original como “mestiça, filha de negra e branco” (NASCIMENTO, 1961, p.288) e não é seguidora do candomblé, traja um vestido estampado, onde a saia levemente rodada já apresenta indícios da mudança da fé da personagem.

No caso do elenco masculino, teremos a presença de terno no personagem Pai João (Claudiano Filho) que é um velho negro, e sua calça é dobrada a barra, deixando-a mais curta, assim como é usado por médiuns incorporados por pretos velhos em terreiros de umbanda. O ator também traz consigo uma bengala e um chapéu de palha.

Para o coro masculino, na cena do cortejo fúnebre de Pai João, eles usam calças e camisas ou batas e em outra que aparenta ser a incorporação de Gangazuma, são vestidos somente com calça dobrada, assim deixando a parte do tórax desnudo.

Dessa maneira, segundo o professor e pesquisador Fausto Viana, “essa foi a primeira produção em que efetivamente se privilegiou o traje do negro, das escravas coloniais, da produção têxtil africana... não se pode acreditar que todos os trajes produzidos até então no TEN tenham sido feitos com base apenas na falta de verba – foi a linha de trabalho e pesquisa do grupo que se sedimentou, optando claramente pela cultura e ancestralidade negra” (2015, p.115).

Para a análise foram usados os referenciais teóricos em Viana (2015), Nascimento (1961) e (1966) e Borges (2022). Para a análise visual dos trajes, recorreremos às fotografias disponíveis em acervos digitais do IPEAFRO, Cedoc Funarte e MUHCAB - Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira.

Palavras-chave: traje de cena; Tomás Santa Rosa; Aruanda.

